

La Font Chaude, 12/3/77

Meu caro amigo Milton, acabo de receber bilhete do Micha dizendo que você teria dito para o Barnq que estamos, você e eu, "brigados". Desprezo fofocas tanto quanto você, e teria ignorado tal notícia, não fosse o fato de teu silêncio últimamente. Já comecei a preocupar-me, de modo que a notícia do Micha, que é, afinal, sinal de vida tua, paradoxalmente me tranquilizou. Relí minhas últimas cartas, reví mentalmente nossas contendas, e não encontrei ponto sôbre o qual um desentendimento entre nós pudesse ser localizado. De modo, como soi acontecer com fofocas, deve tratar-se de engano. Aliás, é difícil imaginar que a estas alturas algo pudesse separar-nos.

A respeito de existência trans-histórica da qual falei na última carta: Se de fato estamos superando a existência histórica, (não a "história" tout court), o tempo deixa de ser a dimensão dentro do qual o espaço rola, (se desenvolve, progride), para passar a ser uma série de dimensões do mundo, (p.e. tempo biológico, tempo físico, tempo existencial, tempo entrópico, tempo neg-entrópico etc). O famigerado "espírito do tempo" descansará tanto quanto já está descansando o "espírito da causalidade (Cassirer)". Isto se manifesta assim: no gesto neolítico de plantar, (fazer buraco na terra, pôr semente, fechar buraco com terra, esperar durante mezes por grama, para arrancá-la, cosinhá-la, comê-la e guardar semente afin de plantá-la), não se trata de círculo, mas de ~~linha~~ ^{reta}, (não kyklos tés genéseos, mas História), porque o gesto transforma acaso em necessidade. Plantar é obrigar a natureza a obedecer aos desígnios do padeiro, seguindo nisto suas próprias regras, da botânica por exemplo). Tal milagre neolítico, (inverter a natureza em função da existência humana tout en seguindo as regras da natureza) caracteriza a existência histórica, (p.e. aviões voam em função do turismo e em obediência à aerodinâmica). A existência histórica projeta, planeja, porque "prevê", isto é conta com as regras naturais para os seus próprios propósitos antinaturais. Mas o gesto ecológico, (pitié pour la forêt etc).., recusa tal inversão da natureza, (recusa portanto técnica, arte, política, em suma "cultura" no sentido latino "colere=tomar cuidado, soigner"), ao recusar a "poluição" é recusar a transformação do acaso em necessidade. A ecologia é anti-neolítica sem ser paleolítica, (não planta nem caça). Para o paleolítico o mundo é campo de aventura, (caça), para o neolítico é campo de ação, ("ager", trigo), para o ecólogo é campo electromagnético, (para a relação, ecos). "Tempo" para o ecólogo é dimensão de campo, não da ação no campo. Por isto ecólogo não "prevê", (não há futuro), mas analisa sistemas. O ecólogo pensa de novo ciclicamente, mas em círculos ciberneticamente autorealimentados. A história não está eliminada, mas funciona em função do "cos", "é superada". Dialéctica negativa. A política não acabou, mas funciona em função de "estratégia", a arte e a técnica não acabaram, mas funcionam em função da programação, a ação não acabou, mas funciona em função da contemplação formalizadora. Eschatologia? Abraços e saudades.